



MALVINAS, UMA GUERRA PARA REFLEXÃO

Théo Espindola Basto

INTRODUÇÃO

O primeiro conflito bélico entre duas nações do mundo ocidental, depois da Segunda Guerra Mundial, foi desencadeado pelo domínio do arquipélago das Malvinas, distante 600 km das costas argentinas e estrategicamente situado na conexão marítima entre o Pacífico e o Atlântico.

Desde 1833 a Argentina reivindica a soberania dessas ilhas, alegando razões históricas e geográficas. Historicamente, como herdeira natural das possessões espanholas, esgrime nos foros internacionais a primazia no descobrimento; nessa linha de argumentos, estabelece que em 1520 o piloto espanhol Estéban Gomez do navio San Antonio, integrante da expedição de Fernando de Magalhães, teria

avistado as ilhas. Geograficamente, as Malvinas representam a continuação natural de sua plataforma continental e, portanto, sujeitas à soberania argentina. Esses são, basicamente, os argumentos exaustivamente sustentados pelo Palácio San Martin.

Para os ingleses, a descoberta das ilhas se deu em 1592, ano em que foram avistadas pelo navegador John Davis a bordo do *Desire*; em 1690 teriam sido batizadas pelo navegador John Strong com o nome de Falkland, em homenagem ao tesoureiro da marinha inglesa L. Cary Falkland. Apesar das inúmeras dificuldades em manter um vínculo com a Metrópole, principalmente pela distância, os malvinenses, em sua grande maioria, desejam manter a cidadania britânica; esse é o argumento-força da tese defendida por Londres.

Os primeiros exploradores foram os franceses através de uma expedição, sob o comando de Bougainville, de Saint Malô, donde se originou o nome de Malouines e, logo, Malvinas. Esses, em 1794, ocuparam a ilha oriental (Soledad) enquanto os ingleses iniciaram um núcleo populacional na ilha ocidental em Porto Egmond, através de John Byron.

Após a venda da colônia francesa à Espanha, os ingleses abandonaram o arquipélago que passou ao controle espanhol. A Argentina, declarando sua independência em 1816, reivindicou, de imediato, o domínio sobre as Malvinas. Em 1833, a belonave Clío, em uma expedição militar inglesa, retomou a posse do arquipélago, mantido, sob protesto, até o dia 2 de abril de 1982, quando após a falência das negociações anglo-argentinas, desenvolvidas em Nova Iorque, uma Força-Tarefa argentina atacou a guarnição local, iniciando a Guerra das Malvinas.

Apesar de ter sido um combate de curta duração, levado a efeito em um Teatro de Operações (TO) de dimensões reduzidas, se comparado com os da 2ª Guerra Mundial, esse conflito deixou um saldo considerável de perdas em vidas humanas e em material. Trata-se, portanto, de um conflito peculiar de guerra limitada. Além das dimensões reduzidas no tempo e no espaço, as seguintes características condicionam qualquer apreciação elaborada sobre os combates terrestres:

- ambiente operacional insular com características físicas e climáticas peculiares;

- inexpressiva participação de blindados e mecanizados;
- confronto entre um exército de profissionais e um exército de conscritos, com faixas etárias diferentes.

Apesar do pouco tempo decorrido, do sigilo que ainda encobre os documentos e relatórios oficiais e da deturpação proposital de alguns eventos pela imprensa, foram inúmeros os ensinamentos de natureza militar que deixou a Guerra das Malvinas.

A formulação de um julgamento mais preciso, que conduza a conclusões amadurecidas, torna-se impossível nos dias atuais; razão pela qual, nosso objetivo é o de apresentar dados que possibilitem a formulação de temas para reflexão, visando ao aprimoramento de nossa doutrina militar.

Aspectos Geográficos

O Atlântico Norte ao possibilitar a circulação de riquezas entre a América do Norte e a Europa, sempre foi objeto de muito interesse por parte das grandes potências, originando um instrumento conhecido como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). O Atlântico Sul, por sua importância secundária no comércio mundial, permaneceu praticamente esquecido por muito tempo.

As ligações entre o Atlântico e o Pacífico, e o Atlântico e o Índico podem ser realizadas, respectivamente, através dos Canais de Panamá e de Suez; além dessas, pode a conexão ser realizada através das rotas oceânicas ao Sul da América

do Sul e ao Sul da África. A utilização do Canal de Panamá e do Canal de Suez vem se tornando, cada vez mais, menos confiável por se encontrarem em áreas conturbadas e em permanente estado de instabilidade política. Nesse contexto, o Atlântico Sul e, em particular, suas rotas oceânicas austrais adquirem uma significação especial no quadro estratégico mundial. Os arquipélagos em disputa, por sua posição privilegiada para o controle das rotas no Atlântico Sul, crescem de importância se, a esse aspecto, acrescentarmos a excelência de sua localização próxima ao Continente Gelado, objeto de futuras deliberações neste final de século. A Antártida, com suas reservas de minérios estratégicos e fonte inesgotável de proteínas para a humanidade, exercerá considerável influência estratégica sobre a área em litígio.

O arquipélago das Malvinas, ocupando uma área de 11.718 km², cerca de metade do Estado de Sergipe, é constituído por umas 200 ilhas, das quais se destacam a Gran Malvinas (Oeste) e a Ilha de Soledad (Este). Mais a Este, a 1500 km das Malvinas, estão as Geórgias do Sul com 3.850 km² onde se encontram as bases científicas de Leith e de Grytviken, na ilha de San Pedro. Aí o clima é muito rigoroso e as montanhas são abruptas e elevadas. Situado a 400 km a SE das Geórgias, se encontra o arquipélago das Sandwich do Sul constituído por onze ilhas que cobrem uma superfície de 300 km². A pesquisa científica, na ilha de Thule, é a única atividade existente nessa área e

seu clima é do tipo antártico; aí, o oceano se encontra quase sempre tomado pelo gelo flutuante.

A ilha de Soledad, onde se desenvolveram os combates terrestres, apresenta determinadas características que exerceram considerável influência sobre as operações.

O solo é argiloso, macio e esponjoso com afloramentos rochosos e de turfa, dificultando o trânsito de veículo através do campo e restringindo a velocidade do homem a pé. Não existem estradas, a não ser um pequeno trecho asfaltado ligando a capital à região de Moody Brook, onde se encontra o aquartelamento dos Fuzileiros Navais britânicos. Essas características restritivas ao movimento terrestre fizeram com que o helicóptero adquirisse relevante papel no campo tático-operacional.

As chuvas são regulares durante todo o ano; a nebulosidade e a umidade são sempre muito elevadas. Os ventos são permanentes com uma velocidade média de 25 a 30 km/h e podem atingir, algumas vezes, velocidades de até 130 km/h, ocasionando sensações térmicas de -20°C. Como consequência, a atividade aérea sofre pesadas restrições, uma vez que são poucos os dias tidos como "operáveis".

Normalmente a temperatura é baixa, com uma média anual em torno dos 6,2°C; é comum a ocorrência de geadas e de nevadas durante todo o ano, à exceção dos meses de janeiro e fevereiro. O índice de salinidade é muito elevado e a água é escassa e salobra. O rigor do clima exerce considerável in-

fluência sobre o moral do combatente, além de impor cuidados especiais com a alimentação, fardamento e equipamento.

O terreno é pouco ondulado, encontrando-se as maiores elevações na parte setentrional da ilha de Soledad com alturas que nunca ultrapassam aos 700 m. Nelas, destacam-se as Alturas de Rivadavia que se constituem em um cordão orográfico unindo a Baía de San Carlos a Porto Stanley. A vegetação é baixa, do tipo gramínea e não existem árvores na região. Os poucos cursos-de-água existentes, não se constituem em obstáculos ao movimento. Como consequência, a inexistência de cobertas e abrigos torna a tropa vulnerável à atividade aérea; as condições para o estabelecimento de uma posição defensiva se tornam precárias pela ausência de cursos-de-água obstáculos e de elevações de porte. De um modo geral, o terreno favorece as ações ofensivas.

As principais localidades são a capital Porto Stanley, chamada de Porto Argentino logo após o 2 de abril, San Carlos, Douglas, Goose Green e Porto Darwin. Esta última se encontra estrategicamente localizada em um istmo de 2 km de largura por 7 km de extensão que une as partes Sul e Norte da ilha de Soledad. Uma população de aproximadamente 1800 habitantes, formada em sua maioria por nativos, conhecidos como "kelpers", está ligada, diretamente ou indiretamente, à ovinocultura, principal atividade econômica da ilha. Existe um rebanho de 700.000 cabeças cujo comércio é explorado

pela Falkland Company. A interferência dos "kelpers" nas operações, alguns ex-combatentes da 2ª GM, foi desde a omissão pura e simples até a insidiosa atuação como força de resistência em apoio às ações inglesas.

Em síntese, pode-se afirmar que as características da área de operações favorecem, basicamente, as ações ofensivas de uma tropa bem equipada e com alguma experiência de combate em áreas de clima frio; a disponibilidade de um número considerável de meios de transporte, principalmente marítimo e aéreo, aliada a um eficiente e contínuo fluxo logístico, são fatores que condicionam o êxito nesse tipo de ambiente operacional.

O Homem

Segundo conceito da Escola Superior de Guerra, um objetivo nacional permanente representa a cristalização dos interesses e aspirações nacionais praticamente imutáveis através do tempo e cuja conquista e preservação toda a Nação procura realizar através dos meios de toda a ordem a seu alcance. A reconquista das Malvinas é um sonho acalentado por várias gerações de argentinos. Eles aprendem, desde os bancos escolares, que somente com a recuperação da "hermanita perdida", se fará justiça à usurpação que sofreram no século passado.

A maior ou menor adesão de um povo a determinado projeto nacional depende, basicamente, do grau de motivação e de interesse envolvido. O nacionalismo se constituiu, dessa forma, num poderoso e

eficiente catalisador das mentes e num grande galvanizador das vontades para a conquista do objetivo colimado. O uso intensivo dos meios de comunicação de massa, de modo racional e eficiente, só será possível se resultar de um planejamento detalhado e completo. Esse plano deve obedecer a uma política educacional ampla e permanente em que o civismo é a base de uma consciência nacional, definitivamente identificada com os valores defendidos. A união nacional em torno do fenômeno Malvinas, na Argentina, é produto dessa educação contínua ao longo dos anos.

Em determinadas situações duas necessidades se tornam conflitantes: motivar e informar. A opinião pública, em uma situação de emergência nacional, é formada pela imprensa e pelos comunicados emitidos pelas autoridades. Em determinadas situações, por imperiosa necessidade da manutenção do sigilo, o público não pode ser informado. Em outras ocasiões, a necessidade de motivar é mais forte que a de informar. "A essência do êxito bélico se estriba no seu segredo. A essência do êxito periodístico se estriba em sua publicidade." Esses princípios constam das Normas Britânicas para os Correspondentes de Guerra, em vigor desde 1958.

"Na guerra, o medo ou, ao contrário, o entusiasmo podem ser dirigidos e provocados à vontade", segundo Serge Thakhotine; assim, motivar e informar são dois gumes da mesma arma, a mobilização psicológica.

O homem, como combatente alia às suas condições de cidadã outros atributos que o tornam capaz de se lançar, com risco da própria vida, sobre o inimigo para a conquista de determinado objetivo. No dizer de grandes generais da nossa História Militar, ele é a pedra fundamental em qualquer conflito. Sabe-se que a vitória ou a derrota dependem de decisões e ações, e não de meios, que são meios de meio à confusão e à improvisação comuns ao campo de batalha.

A tecnologia, tornando o material cada vez mais sofisticado, trouxe como consequência, a necessidade de alta especialização, o que implica formação de técnicos onerosa e larga duração. A evolução tecnológica será pouco válida se a máquina não dispuser de uma inteligência para decidir e de uma vontade para agir, atributos essenciais e inalienáveis do homem.

Na guerra das Malvinas se confrontaram, em condições peculiares, dois exércitos estruturalmente diferentes; um de profissionais e outro de conscritos. À primeira vista, o desenlace das operações não induz à idéia da necessidade de um exército profissional. As Forças Armadas se destinam, por imperativo constitucional à segurança externa e à segurança interna. Ao determinar que a defesa da Pátria e a garantia dos poderes constituídos da lei e da ordem é uma missão das Forças Armadas, impõe a própria Constituição Federal a necessidade de estarem em condições de atender a diversas hipóteses de conflito em qualquer parte do território nacional. É óbvio que dispõe de um exército de profissionais e

atenda ao imperativo de estar em condições de atuar em qualquer ponto do território nacional, é altamente oneroso para um País, como o nosso, de consideráveis dimensões territoriais. Esse fato torna o projeto inviável para países que se encontram em fase de desenvolvimento. Aí está o grande desafio: como manter um exército operacional, a baixo custo? A nosso ver, somente através de uma acurada seleção moral, física e psicológica, o Exército disporá de recursos humanos adequados e que, através da capacidade de liderança e a dedicação dos quadros profissionais, se converterá em um exército altamente operacional. É claro que há necessidade da existência de um efetivo para pronto emprego e, também, que a tecnologia impõe a necessidade de determinado efetivo, com maior grau de especialização. Para atender a essas imposições, será necessária a profissionalização de determinada parcela do efetivo com maior permanência no serviço ativo.

Apesar de altamente motivados, os soldados argentinos não estavam aclimatados à região, pois em sua maioria, provinham de áreas tropicais. Além disso, a fim de obter a surpresa, não houve uma convocação das reservas e as tropas deslocadas para as Malvinas, em sua maioria, estavam cumprindo o Serviço Militar obrigatório. Segundo dados fornecidos em "El Ejército Argentino en la Guerra de las Malvinas" do Gen Bda (Res) José Teófilo Goyret, cerca de 80% dos conscritos pertenciam à classe de 1962, dos quais a metade era

composta por convocados, pois já haviam dado baixa. Os 20% restantes pertenciam à classe de 1963 com instrução individual, apenas.

As tropas de Infantaria ligeira, os ingleses opuseram tropas profissionais de fuzileiros navais e de forças especiais como os Pára-quedistas e os Comandos. Essas tropas estavam acostumados a operar em áreas semelhantes, na Região Ártica. Além disso, os ingleses possuíam pequenas frações especializadas em ações de incursões, como por exemplo, os comandos do SAS (Special Air Service) e do SBS (Special Boat Squadron). Sendo dotadas de meios helitransportados, além de possuírem uma excelente capacidade para o combate noturno, as forças inglesas obtiveram significativa vantagem no poder relativo de combate. No campo de batalha, os soldados argentinos (chamados pela imprensa de "los chicos") defrontaram-se com tropas mais maduras e experientes.

Em síntese, pode-se atribuir à educação um papel primordial, em âmbito nacional, para forjar uma vontade férrea que permita ao povo vencer, em momentos de crise, as dificuldades que se antepõem à conquista de determinado objetivo. No campo tático-operacional, permanece o homem como sendo o elemento básico de qualquer conflito e de cuja força interior e capacidade profissional dependerá a vitória ou a derrota, no campo de batalha.

O Material

Apoio logístico é o "calcanhar de Aquiles" de qualquer operação.

militar. Foram grandes os problemas enfrentados por ambos os contendores e, quase sempre, complexos. Os ingleses tiveram que enfrentar a distância e as más condições atmosféricas locais, suprimindo uma Força com mais de uma centena de embarcações e cerca de 9.000 homens em operações. Consta do Relatório do Alte Sir John Fieldhouse, Comandante-em-Chefe da Força-Tarefa, ao Departamento de Defesa britânico, o seguinte trecho: "A logística sempre ocupou um lugar de primeira importância em meu pensamento. Durante o transcurso dos acontecimentos que descrevi, nenhum navio ficou sem combustível, nenhum sistema de armas ficou sem munição, apesar de uma linha de abastecimento de mais de sete mil milhas de extensão e das condições meteorológicas extremas que tivemos que enfrentar. "Os argentinos, ainda que estivessem muito mais próximos de Zona de Combate, tiveram que enfrentar um bloqueio aeronaval para manter um fluxo adequado para as ilhas, onde se encontravam mais de 10.000 homens. Além das duras condições climáticas e da dificuldade na distribuição, pela ação dos Harrier ingleses, os argentinos enfrentaram um sério problema devido à diversidade do material bélico importado e o embargo imposto pela Europa e os EUA.

O fluxo logístico compreende, basicamente, três fases interdependentes: obtenção, distribuição e utilização.

Obter é adquirir o já existente ou fabricar o que é necessário. Es-

tá intimamente ligado à capacidade do parque industrial de um país e à mobilização. A indústria enfrenta a maior responsabilidade na obtenção de itens de suprimento necessários ao combate. Somente através da busca da nacionalização no mais alto grau, é que um país poderá, em momentos de crise, contar com um potencial à altura de um esforço de guerra. Acompanhar, na medida do possível, a evolução tecnológica é outra meta a ser alcançada. Portanto, auto-suficiência e modernização são os dois vetores componentes da capacidade de um país, para fazer frente a um prolongado esforço de guerra. A perfeita integração entre a indústria e as forças armadas é fundamental para que, em curto prazo, se mobilizem os meios necessários à guerra. Além disso, em nível de reforças, há necessidade de um planejamento centralizado e minucioso, que estabeleça estruturas simples e funcionais, testadas e avaliadas, desde o tempo de paz.

Distribuir é, fundamentalmente, transportar. É importante a utilização de todos os meios de transporte, que possam de modo econômico, integrado e rápido, fazer com que o suprimento chegue ao seu destino. A capacidade da linha viária, dos terminais, dos meios marítimos e aéreos condicionam o fluxo logístico. A eficiência do planejamento realizado depende do grau de interrelação entre o comprometimento dos meios disponíveis e a capacidade em mobilizá-los; obriga a uma constante atualização de dados e da legislação pertinente.

Os ingleses tiveram que recorrer a um programa intensivo de requisição e fretagem de navios civis para formar uma Força-Tarefa, nunca vista desde a 2ª GM. A colocação de armamento e plataformas para helicópteros em navios mercantes se constituiu em uma rotina de trabalho nos estaleiros britânicos. Isso permitiu a formação de uma Força-Tarefa com mais de uma centena de embarcações. Para diminuir os problemas ocasionados pela distância foi eleita a ilha de Ascensão como base logística, a meio caminho para a Zona de Operações, servindo como uma espécie de "porta-aviões fixo". Foram deslocados, por diversos meios aéreos e marítimos, mais de 17.000 toneladas de suprimentos para atender às operações.

Os argentinos também mobilizaram grande número de meios de transporte civil, se valendo de uma legislação adequada. A requisição de aviões da Aerolíneas Argentinas e da Austral, de transportes diversos, terrestres e marítimos, permitiu manter um eficiente fluxo para as ilhas, em material e pessoal, em curto espaço de tempo. É interessante observar que foram muito utilizados os "containers" para transporte de suprimentos em aeronaves e em cargueiros terrestres e marítimos, para a evacuação de feridos e, inclusive, para a sementeira de minas, através de helicópteros. Outro emprego para os "containers" foi o de servir como uma instalação semifixa, em módulos tipo Posto, Depósito, Centros, etc. A montagem do hospital de Porto Argentino foi possível ser realiza-

das em curto prazo, devido a utilização de pré-moldados. Entretanto, a maior dificuldade encontrada na ilha, pelos argentinos, foi a de distribuição dos suprimentos. A ação aérea inglesa destruiu a maioria dos helicópteros argentinos e, não dispondo de superioridade aérea local, o deslocamento de viaturas de rancho, chamadas de "Morochas" (morenas) pelos soldados, foi muito restringido. Sabe-se que grande quantidade de suprimentos se encontrava nos depósitos de Porto Argentino, por ocasião da rendição em 14 de junho.

Utilizar significa empregar e manter em condições de uso, com a máxima eficiência. A utilização do material compreende a técnica e o adestramento, aspectos esses, ligados à instrução do combatente. Vejamos alguns aspectos referentes à utilização do material, durante a Guerra das Malvinas.

Quanto às armas de Infantaria, o Fuzil 7, 62 mm foi empregado, com relativo êxito, por ambos os contendores; os problemas havidos foram devido à deficiência de manutenção, numa área de alto índice de salinidade e umidade. O emprego de morteiros leves e descartáveis facilitou, em muito, a progressão da Infantaria e proporcionou um excelente poder de fogo aos Grupos de Combate ingleses. As armas anticarro, se bem que não foram empregadas de acordo com sua finalidade principal pela existência de blindados operando nas ilhas, foram utilizadas pelos ingleses contra posições fortificadas e casamatas, com bom rendimento.

Quanto ao sistema de armas de Artilharia foram empregados meios de tubo e mísseis. Os Grupos de Artilharia de Campanha dispunham de Obuses de 105 mm, sendo que os dos ingleses possuíam um maior alcance (17 km). Apenas três peças de 155 mm, por seu maior alcance, foram empregadas pelos argentinos, como Artilharia de Costa. O grande fator de desequilíbrio, no entanto, foi a mobilidade. As peças inglesas eram transportadas em helicópteros para suas posições de tiro, já os obuses argentinos, que não dispunham dessa mobilidade, eram destruídos pela contrabateria inglesa, invariavelmente, após o quinto ou sexto disparo. Como sempre, a munição foi o artigo crítico do suprimento não só pelo seu grande volume e peso, como pelo seu grande consumo. A grande diversidade do material antiaéreo de calibres de 20 mm (Rheinmetal), 30 e 35 mm (Oerlikon) e de 40 mm (Boffors) e o grande consumo de munição, em face da intensa atividade aérea inglesa, foram os grandes problemas no emprego desses meios pelos argentinos, particularmente na defesa antiaérea de Porto Argentino. Os mísseis foram largamente empregados nas Malvinas. O Roland, solo-ar, lançado de plataforma fixa tipo "shelter" e o portátil Blowpipe, foram os mísseis mais empregados pelos argentinos além, é claro, dos Exocet AM-39 lançados de aeronaves Super Etendard. A rede de vigilância dos argentinos dispunha de uma unidade de maior potência, o Westinghouse TPS-43 que, por razões de economia de

combustível e para fazer frente a medidas de guerra eletrônica, não permanecia ligado durante muito tempo, debilitando assim a defesa antiaérea. Os ingleses empregaram os mísseis solo-ar Rapier com visão ótica, uma vez que o sistema eletrônico tornava sua instalação mais demorada, uma grande vulnerabilidade, em se tratando do estabelecimento de uma cabeça-de-praia. Além dos Rapier, foram empregados pelos ingleses, o portátil Blowpipe e os anticarros Milan e Swingfire, este sobre a viatura blindada Striker.

Quanto ao material de Engenharia, os ingleses dispunham de elementos helitransportados que foram largamente empregados para apoiar o movimento em terrenos minados e pantanosos, além de construir pistas de alumínio para os Harrier. A Engenharia argentina foi empregada em missões defensivas, mais particularmente na instalação de campos de minas. Na preparação da defesa da ilha, vários campos de minas foram lançados e demarcados. Entretanto, após o desembarque de San Carlos, foram lançadas minas, sem demarcação, em terrenos pantanosos por um sistema de espalhamento aéreo com uso de "containers" conduzidos por helicópteros de porte médio, voando a 200 m. Estes "containers" têm uma capacidade de 200 minas anticarro (AC) ou 2.500 minas antipessoal (AP). Minas de diversas origens foram empregadas na área; as FMK-1 (AC) e FMK-3 (AC), argentinas e não metálicas, além de um grande número de minas israelenses, espalhadas

nholas (P-4-A e C-3-A), americanas e italianas (VS. 1.6 e SB-33), estas de difícil detecção.

Quanto aos meios de Comunicação, os ingleses utilizaram desde o satélite americano, para ligação com o Reino Unido, até o rádio com laringofone acoplado ao capacete; um equipamento do tipo "hands-off operation", que dá maior liberdade de movimento ao combatente. Esse equipamento se constituiu em um elemento valioso, particularmente nas ações noturnas que obrigavam a um maior controle das operações.

A guerra eletrônica teve sua importância comprovada na guerra das Malvinas pois evidenciou que o emprego da arma eletrônica é um

fator multiplicador da eficiência operacional. Como exemplo, destacamos o bloqueio das comunicações argentinas com o continente que impediu o acionamento da Força Aérea durante o desembarque inglês no dia 21 de maio em San Carlos. Para que um Comandante possa influir na ação utiliza-se do sistema C3I (Comando, Controle, Comunicações e Informações) que é altamente vulnerável à guerra eletrônica. A criação de ecos "fantasmas" nas telas dos radares desorienta e confunde, conduzindo ao desgaste moral, físico e material.

Quanto aos blindados, seu emprego não foi significativo, devido às restrições impostas pelo terre-



Os argentinos empregaram, dez Panhard AML, de fabricação francesa, blindado sobre-rodas, armado com um canhão de 90mm.

no. Os argentinos empregaram, dez Panhard AML de fabricação francesa, blindado sobre-rodas armado com um canhão de 90 mm; alguns desses veículos atolaram nas imediações de Porto Argentino. Os ingleses empregaram com melhor rendimento os CC Scorpion, com estrutura de duralumínio, pesando apenas 8 ton, sobre lagartas e armado com um canhão de 76 mm e o Scimitar. Além desses, empregaram veículos para qualquer terreno sobre rodas Saracen e Striker, alguns dos quais foram muito importantes para o apoio logístico.

Quanto a meios de transporte terrestre, apesar da grande quantidade de viaturas existentes na ilha, sua utilização só foi possível nas localidades, empregadas mais em missões logísticas do que em combate. Pela sua agilidade e possibilidade de emprego em qualquer terreno, a motocicleta foi empregada com sucesso, por ambos os contendores.

Um capítulo especial poderia ser dedicado ao helicóptero na guerra das Malvinas; sua importância já havia sido destacada no Vietnã. Apesar das difíceis condições meteorológicas existentes na área pois, dos quarenta e quatro dias que duraram os combates, apenas vinte e quatro foram considerados como permitindo as ações com helicópteros, seu emprego pelos ingleses foi decisivo para as operações. Em cada dia de operação, os helicópteros transportaram cerca de 8 toneladas de combustível e munição por batalhão, além de 4 toneladas de munição de artilharia de 105 mm; é um dado signifi-

cativo. Além do seu emprego em apoio logístico, os helicópteros foram largamente empregados no transporte da Infantaria em movimentos maciços de tropa ou na realização de envoltórios verticais. O transporte do equipamento material do combatente possibilitou reduzir seu desgaste físico deixando-o em boas condições para o combate aproximado. O apoio como arma, lançando mísseis ou dirigindo o fogo da artilharia terrestre ou naval, evidenciou seu caráter de multiplicador da capacidade operacional terrestre. Em algumas oportunidades, o helicóptero se mostrou superior ao avião em apoio aéreo aproximado por maior facilidade na identificação e localização de objetivos. Entretanto, helicóptero e avião não são excludentes mas sim complementares, uma vez que o emprego do primeiro depreende a disponibilidade de uma superioridade aérea total, garantida pelo segundo.

Os meios para o combate não utilizados pelos ingleses permitiram uma nítida vantagem nos combates terrestres, ainda mais considerarmos que nessa época os dias são muito curtos, um período de apenas 9 horas de luminosidade. Não apresenta novidade pois, foram empregados aparelhos infravermelhos e densificação da luz, acoplados às armas e a meios de transporte o uso individual. O emprego de meios à base de raios laser favoreceu, em muito, a condução das operações sob quaisquer condições.

Em síntese, podemos estabelecer alguns temas para reflexão.

assuntos referentes a material. É necessário que o País disponha de um parque industrial forte e moderno que possa atender às necessidades das Forças Armadas em um esforço de guerra; auto-suficiência e modernização são requisitos básicos. É importante que haja um planejamento de mobilização integrado entre as Forças Armadas; sua validade está ligada à atualização constante e a exercícios periódicos. A obtenção, distribuição e utilização do material devem ser minuciosamente planejadas e, principalmente, exercitadas desde o tempo de paz."

O Combate

A guerra das Malvinas, para fins de análise, pode ser dividida em quatro fases:

- Operação Rosário: desembarque anfíbio realizado pelos argentinos nas Malvinas e nas Geórgias do Sul (2 e 3 de abril de 1982);

- Ações Preliminares: ações realizadas até a retomada das Geórgias pelos ingleses (4 a 24 de abril de 1982);

- Guerra Aeronaval: período compreendido entre a reconquista das Geórgias e a operação em San Carlos (25 de abril a 20 de maio de 1982);

- Guerra Terrestre: ações militares nas Malvinas desde o estabelecimento da cabeça-de-praia em San Carlos até a rendição argentina, em Porto Argentino (21 de maio a 14 de junho de 1982).

Em se tratando de um enfoque tático, da Guerra das Malvinas, qualquer incursão no campo estra-

tégico-operacional servirá, tão somente, para a melhor compreensão do tema. Os dados aqui expostos estão sujeitos a futuras comprovações quando forem divulgados documentos oficiais desse conflito.

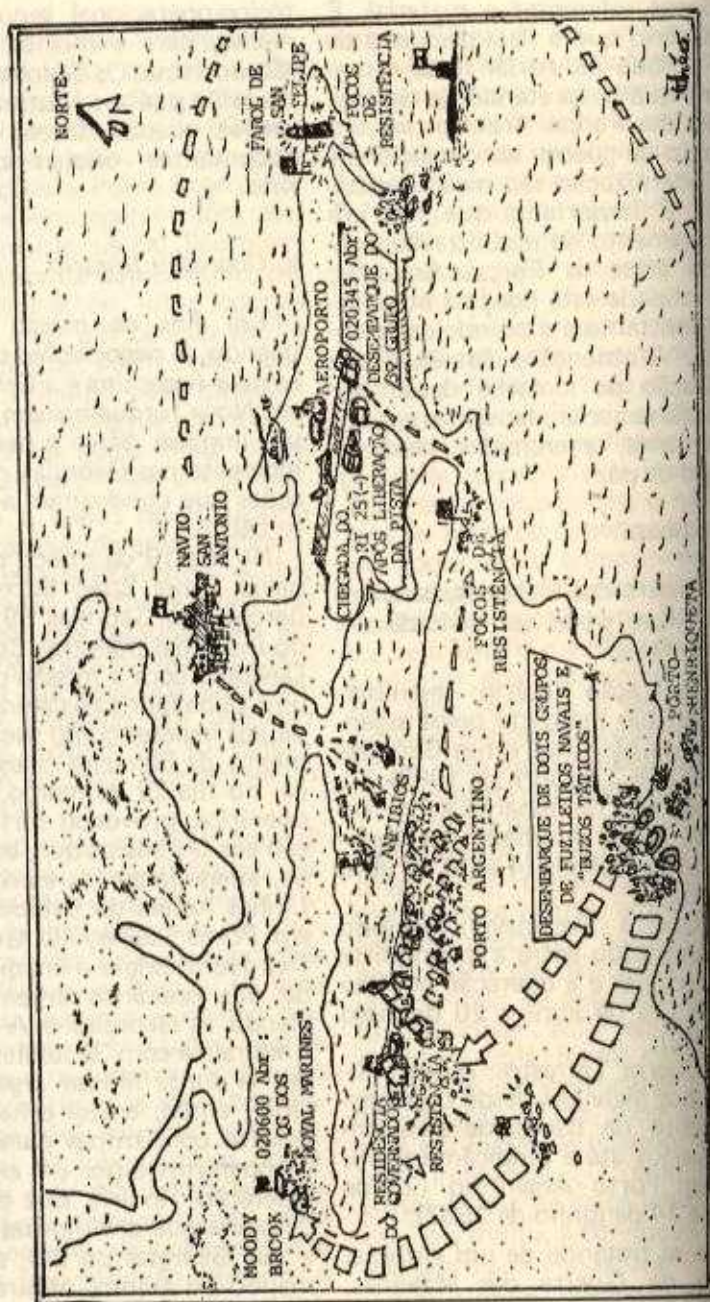
a. Operação Rosário

Em fins de março de 1982, quando as negociações conduzidas entre a Argentina e a Grã-Bretanha em Nova Iorque haviam chegado a um impasse difícil e perigoso, um incidente nas Geórgias detonou as ações que conduziram ao confronto bélico.

No dia 19 de março de 1982, o navio Bahia Buen Suceso desembarcou nas Geórgias 39 operários do industrial argentino Constantino Davidoff com a missão de demolir uma velha fábrica baleeira, comprada aos ingleses como sucata. O içamento da bandeira celeste e branca, no dia 22 de março, por esses operários, provocou forte indignação aos britânicos que, em represália, apedrejaram os escritórios das Linhas Aéreas do Estado (LADE), em Porto Stanley. O Governador Rex Hunt exigiu a imediata retirada dos operários argentinos, enviando às Geórgias o A-171 HMS Endurance com 35 fuzileiros a bordo. A Junta Militar argentina decidiu, então, enviar o navio Bahia Paraíso com tropas para proteger os operários e por em execução a Operação Rosário que previa um desembarque anfíbio nas Malvinas e nas Geórgias do Sul, sob o comando do Contra-Almirante (Fuz Nav) Carlos Busser. A Grã-Breta-

A CONQUISTA DE PORTO ARGENTINO (Operação ROSÁRIO)

(02 Abr 82)



nha, prevendo o ataque, decidiu reforçar a guarnição local, dobrando seu efetivo para 80 homens, com Fuzileiros Navais que já se encontravam em Montevidéu, a bordo do John Briscoe.

Na noite de 1º para 2 de abril, o destróier Santíssima Trindade desembarcou dois grupos de Comandos Anfíbios na região de Porto Henriqueta com a missão de neutralizar os "marines" aquartelados em Moody Brook e forçar a rendição do Governador inglês, em Porto Stanley. Às 0345 horas, um terceiro grupo desembarcou de um submarino com a missão de ocupar o farol de San Felipe, no extremo Este da península onde se encontra o aeroporto. O aquartelamento estava deserto pois os fuzileiros encontravam-se entrincheirados em diversos pontos da ilha. Os combates de maior envergadura foram travados nas proximidades da residência do Governador. Às 0830 horas se produziu o Cessar-Fogo, acordado entre o Governador inglês Rex Hunt e o Comandante do TOM, o Gen Div Osvaldo Garcia; às 1000 horas foi assinada a rendição. Nessas ações, os ingleses não sofreram nenhuma perda pois, os fuzileiros argentinos se preocuparam em evitar baixas por expressa recomendação da Junta Militar que desejava uma ação inócua. Os argentinos, durante o ataque à residência do Governador, sofreram três baixas, entre as quais a morte do Capitão-de-Corveta Fuzileiro Naval Pedro Edgardo Gianchino. O farol de San Felipe foi ocupado sem grande resistência, enquanto o aeroporto era liberado

por um Pelotão de Infantaria sob o comando do Aspirante Roberto Reyes. Tão logo permitiram as condições, deu-se a chegada dos Hércules C-130 trazendo efetivos do RI 25 (Reforçado) sob o comando do Ten Cel Mohamed Ali Seineldin, conhecido como "O Turco". Às 1330 horas foi hasteada a bandeira argentina em Porto Stanley.

As Geórgias, no dia seguinte, passaram ao controle argentino, defendidas por uma guarnição de 150 fuzileiros navais e Forças Especiais ("Os Lagartos"), sob o comando do capitão Alfredo Astiz.

No dia 07 de abril, o Gen Bda Mario Benjamin Menendez assumiu o cargo de Governador Militar das Malvinas, Geórgias do Sul e Sandwich do Sul. Buscou, de imediato, obter o apoio da população local através de diversas medidas de caráter social. O reconhecimento e a garantia dos direitos dos malvinenses foram as primeiras preocupações do Governo Militar. Diversas medidas de caráter fiscal, monetário e postal, procuraram agilizar a transferência da administração inglesa para a argentina. A melhoria do atendimento hospitalar e do aquecimento das casas, a produção de programas especiais de TV e até a distribuição gratuita de aparelhos de TV a cores, estiveram nessa ação social visando a obtenção do apoio dos "kelpers". Entretanto, sabe-se que esse apoio nunca chegou a se materializar. Ao contrário, vários "kelpers" chegaram a atuar como uma verdadeira Força de Resistência.

A defesa da Ilha foi organizada com um dispositivo com centro de

gravidade em Porto Argentino. Aí permaneceram, além de quatro Grupos de Art (dois Antiaéreos), cinco Regimentos de Infantaria: os RI Mec 3, 6 e 17 pertencentes à 10a Bda Inf Mec, o RI 4 da 3a Bda Inf e o RI 25 da 9a Bda Inf. Para a defesa da Gran Malvinas foram destacados o RI 5, na área de Porto Howard, com responsabilidade sobre o acesso Norte do Estreito de San Carlos e o RI 8, juntamente com a 9a Cia Eng, em Bahia Fox, ao Sul. Na ilha de Pebble (Borbón) foi instalada a Base Aeronaval de Calderon, a cargo de uma Companhia de Fuzileiros Navais. Uma área vital como Darwin e Goose Green, onde existia a segunda pista de pouso da Ilha, foi guarnecida pelo RI 12 (+ Cia Cdo/RI 25) sob o comando do Ten Cel Piaggi. O controle de Porto Argentino permaneceu a cargo do 5º Batalhão de Fuzileiros Navais.

Os efetivos argentinos nas Malvinas alcançaram cerca de 12.900 homens, sendo 2000 da Armada e 1000 da Força Aérea.

Numa apreciação sumária, pode-se afirmar que a Operação Rosário foi bem sucedida por ter conseguido manter um grau de sigilo tal que Londres não teve tempo para deslocar uma força de dissuasão para a área. Se a surpresa estratégica foi lograda, a surpresa tática não foi obtida uma vez que, desde o dia 30 de março, os ingleses já organizavam a defesa da Ilha. Os argentinos, com grande superioridade de efetivos, empregaram, corretamente, velhos princípios de guerra entre os quais destacamos: a surpresa, a ofensiva, o objetivo e

a manobra. Foi uma operação combinada bem planejada e bem executada, com efetivos de forças terrestres, marítimas e aéreas.

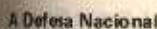
Do ponto de vista tático, se considerarmos a dificuldade de deslocamento e a exiguidade de meios de transporte, principalmente helicópteros, pode-se concluir que a concentração em Porto Argentino reduziu a flexibilidade do Menendez para atender às diversas possibilidades de desembarque. Do ponto de vista político e militar, essa concentração materializou a importância atribuída à manutenção de Porto Argentino, pelo governo de Buenos Aires.

b. Ações Preliminares

Argentina e Inglaterra, no campo estratégico-operacional, desenvolveram, nesse período, várias atividades tendentes a buscar as melhores condições para o desenrolar do conflito bélico. Aqui, analisamos a organização do Teatro de Guerra e as atividades desenvolvidas por ambos os contendores até a retomada das Geórgias pelos ingleses.

O Teatro de Guerra foi organizado com uma Zona de Interação abrangendo o território continental ao Norte da Província de Chubut, uma Zona de Administração abrangendo a Província de Chubut e uma Zona de Combate abrangendo a Província de Santa Cruz. Uma "zona de exclusão" de 200 milhas náuticas em torno das Malvinas.

Do dia 2 de abril até o 14 de maio de 1982, a responsabilidade da condução estratégica-operacional



nal argentina esteve a cargo de três organismos combinados: Teatro de Operações Malvinas (TOM), Teatro de Operações do Atlântico Sul (TOAS) e Centro de Operações Conjuntas (CEOPECON).

O TOM foi criado para a execução da Operação Rosário, abrangendo os arquipélagos das Malvinas, Geórgias do Sul e Sandwich do Sul e os espaços marítimos e aéreos adjacentes. O Comando do TOM foi exercido pelo Gen Div Oswaldo J. Garcia, Comandante do 5º Corpo de Exército com assento em Bahia Blanca, tendo como Cmt das Forças Terrestres o Gen Bda Americo Daher, Cmt da 9a Bda Inf.

Com a chegada do Gen Menendez a Porto Argentino, foi criado o TOAS abrangendo a mesma área do TOM e mais os espaços marítimos e aéreo necessários a assegurar o controle do litoral atlântico da Argentina Continental. Para o Comando do TOAS foi designado o Vice-Almirante Juan José Lombardo e subordinado a ele, os três componentes: terrestre (Gen Bda Julio Cezar Ruiz), aéreo (Major-Brigadeiro A. C. Weber) e naval (Contra-Almirante W. O. Allara).

No dia 26 de abril, o Gen Menendez organizou três Agrupamentos com as Forças Terrestres sob seu comando. O Agrupamento "Porto Argentino" sob o comando do Gen Jofre (Cmt 10a Bda Inf Mec), o Agrupamento "Gran Malvinas" sob o comando do Gen Parada (Cmt da 3a Bda Inf) e o Agrupamento "Darwin", também chamado de "Giachino" em homena-

gem ao oficial Fuzileiro Naval morto durante a Operação Rosário, sob o comando do Chefe EM da 3a Bda Inf.

No dia 29 de abril, foi criado o Comando Conjunto Malvinas, cujo Chefe de EM foi o Gen Americo Daher (Cmt da 9a Bda Inf), cargo que exerceu até assumir a missão de apoio logístico às operações, em Comodoro Rivadavia, com a chegada à Porto Argentino do Gen Jofre (Cmt da 10a Bda Inf Mec). Constituíram esse Comando o Contra-Almirante Edgardo A. Otero (naval) e o Brigadeiro Luiz Castellanos (aéreo). Na realidade, o Gen Menendez foi, além de Governador Militar, o Cmt das Forças Terrestres e o Cmt do TO (Comando Conjunto Malvinas).

O TOAS, criado em 8 de abril, foi praticamente desativado em 20 de maio quando se integrou ao CEOPECON, com assento em Comodoro Rivadavia, e constituído pelo Gen Div Oswaldo Jorge Garcia (terrestre), Vice-Almirante Juan José Lombardo (naval) e Major-Brigadeiro A. C. Weber (aéreo). Para o apoio administrativo, foram organizados dois escalões: um Avançado (Comodoro Rivadavia), sob o comando do Gen Bda Julio Cezar Ruiz e um Recuado (Buenos Aires), sob o comando do Gen Bda Americo Geronimo Herrera. O apoio logístico em vez de ser centralizado, apesar da existência de um Centro de Operações Logísticas (COL) em Porto Argentino, foi descentralizado, sendo o apoio responsabilidade de cada Força. Mais de 5000 toneladas de carga chegaram à Base Militar Malvinas em

Porto Argentino, durante as operações.

É importante se destacar que as modificações nos Comandos, durante as operações, foi um fator negativo, principalmente por não obedecerem ao princípio de Unidade de Comando. Outro aspecto negativo foi o da descentralização do apoio logístico que criou maiores dificuldades ao Exército, pois não dispunha de meios de transporte adequados, dependendo da Força Aérea e da Marinha para o suprimento em um TO insular.

A Operação "Corporate" (Combinada), cujo objetivo era a retomada dos arquipélagos austrais, foi desencadeada pela Inglaterra sob o comando do Almirante Sir John Fieldhouse, com seu Posto de Comando em Northwood (Londres). O Comandante da Força-Tarefa Britânica foi o Contra-Almirante John Woodward e o comando das Forças Terrestres esteve a cargo do Major-General (Gen Div) John Jeremy Moore do "Royal Marines". Duas Brigadas constituíram as Forças Terrestres: a 3a Bda de Comandos (Fuzileiros Navais), sob o comando do Gen Bda Julián Thompson, e a 5a Bda Inf sob o comando do Gen Bda Anthony Wilson. Com mais de 100 embarcações, a Força-Tarefa Britânica empenhou um efetivo de 25.000 homens, sendo 9.000 das Forças Terrestres (6.000 do Exército e 3.000 do Corpo de Fuzileiros Navais).

O Teatro de Guerra foi organizado com uma Zona de Combate (área de 200 milhas náuticas em torno das Malvinas) e uma Zona de Administração (área de contro-

le de 100 milhas náuticas em torno da Ilha de Ascensão). Mais tarde, foi decretada uma "Zona de Serviço", abrangendo o espaço marítimo e aéreo da Ilha de Ascensão ao extremo Norte da Antártida.

O 1º Escalão zarpou de Portsmouth no dia 5 de abril e, quatro dias depois, partiram de Southampton, 2.500 fuzileiros da 3a Bda de Comandos, a bordo do transatlântico Camberra. Contando com submarinos nucleares na área, a Inglaterra declarou uma "Zona de Exclusão Marítima" em uma área de 200 milhas náuticas em torno das Malvinas, interditada à navegação argentina, a partir das 0400 horas do dia 12 de abril de 1982. Segundo consta, esses submarinos nucleares estavam armados com torpedos convencionais Tigerfish.

No dia 21 de abril, o Camberra, com 2.500 homens a bordo, chegou à ilha de Ascensão, somando-se a 1.000 homens embarcados no Fearless. Nesse mesmo dia, o 1º escalão ultrapassou o paralelo do Rio de Janeiro e foi estabelecido o primeiro contato militar, quando um Harrier interceptou um Boeing argentino em missão de reconhecimento sobre a frota inglesa.

Após ter rechaçado uma proposta que previa o estabelecimento de um Governo tripartite nas ilhas, o Gen Leopoldo Fortunato Galtieri, acompanhado de vários ministros e políticos, visitou Porto Argentino, no dia 22 de abril.

No dia 23 de abril, a frota inglesa entrava na situação de "alerta de defesa", última etapa antes da situação de combate, enquanto a Argentina denunciava a presença

de dois navios de guerra ingleses e de um de transporte de tropas, nas proximidades das Geórgias.

Nos campos político e econômico, várias medidas foram tomadas,

uma de cada País. Margareth Thatcher, após ter rompido relações diplomáticas com a Argentina, no dia seguinte à queda de Porto Stanley, obteve das Nações Unidas a Resolução 502 condenando a atitude argentina e exigindo a imediata retirada de suas tropas das Malvinas. Conseguiu, também, o apoio da Comunidade Econômica Européia (CEE) através do embargo da venda de armamentos (09 de abril) e da suspensão das importações argentinas (10 de abril); bloqueou os fundos e valores argentinos, em poder das instituições financeiras britânicas.

A Argentina, nesse período, criou o "Fundo Patriótico das Malvinas", destinado a arrecadar fundos através de doações populares, mobilizando todo o País. Também, em represália, decidiu suspender as importações da CEE e declarou em "estado de indisponibilidade" os bens britânicos na Argentina. Considerou, ainda, a zona de bloqueio, imposta em 7 de maio, como uma "zona de agressão". Através do seu Chanceler, Costa Mendez, a Argentina acionou a OEA para a convocação dos Ministros de Relações Exteriores para estudar a aplicação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR). A reunião foi realizada no dia 26 de abril e nela, a OEA aprovou uma resolução reconhecendo a soberania argentina sobre as ilhas.

c. Guerra Aeronaval

Empregando dois helicópteros Sea King, em uma ação iniciada às 0800 horas do dia 25 de abril, os ingleses atacaram a Guarnição de Grytviken, atingindo o Submarino Santa Fé que se encontrava ancorado, realizando uma missão de apoio logístico. Em seguida, foi realizado o desembarque anfíbio nas proximidades do porto, sob forte proteção da artilharia naval. A guarnição argentina, composta por 150 fuzileiros navais, após oferecer alguma resistência, se rendeu às 1500 horas e, duas horas depois, era realizado o desembarque em Porto Leith. Na oportunidade, foram aprisionados 39 operários argentinos que haviam desembarcado nas Geórgias, no dia 19 de março.

Dispondo, agora, de um verdadeiro "porta-aviões fixo", os ingleses iniciaram a preparação para o assalto anfíbio às Malvinas. A partir de então, buscaram, sistematicamente, destruir os meios que proporcionassem alguma mobilidade às forças argentinas, particularmente em helicópteros, além de causar baixas e desgastar.

Cinco dias após a retomada das Geórgias, o Presidente Reagan declarou que apoiava a Inglaterra, através de suprimentos militares e da imposição de sanções econômicas à Argentina. Contando com a aviação embarcada nos porta-aviões R-05 HMS Invincible e R-12 HMS Hermes, a Inglaterra resolveu ampliar a "zona de exclusão marítima" para o espaço aéreo, definindo uma "zona de exclusão total", a partir de 30 de abril.



No dia 2 de maio, o afundamento do Cruzador Gen Belgrano causou forte impacto na opinião pública pelo fato de se encontrar navegando fora de zona decretada como de "exclusão marítima".

As ações de combate, em forma efetiva, foram iniciadas no dia 1º de maio quando o Cmt da Força-Tarefa britânica, Almirante Woodward, intimou o Gen Menendez à rendição, após intensos bombardeios sobre Darwin, Goose Green e Porto Argentino. Foram iniciadas, então, inúmeras ações tipo Comando visando ao desgaste material e psicológico, como também à obtenção de informações. Dispunham, para isso, de experientes Comandos dos "Special Air Service" (SAS) e "Special Boat Squadron" (SBS)", contando, ainda, com o apoio dos "Kelpers". O bombardeio aéreo e naval passou a fazer parte da rotina na ilha, contribuindo para afetar o moral dos defensores. Através de diversas emissoras de rádio, difundiam informações e mensagens, buscando influir no moral do combatente argentino, ao mesmo tempo que realizavam ações diversionárias em vários pontos da ilha, simulando desembarques de grandes efetivos. Contando com inquestionável superioridade em meios de guerra eletrônica, os ingleses realizaram a escuta, interferiram nas comunicações e realizaram, com sucesso, a contra-informação.

A característica desse período, no entanto, foi o emprego intensivo da aviação argentina contra a Força-Tarefa, os combates aéreos que se travaram e o afundamento de navios.

No dia 2 de maio, o afundamento do cruzador Gen Belgrano por torpedos Mark 8, lançados do submarino nuclear S-105 HMS Conqueror, causou forte impacto na

opinião pública pelo fato de se encontrar navegando fora da zona decretada como de "exclusão marítima" e abalou, certamente, o moral das forças defensoras, com um saldo de quase 400 mortes. Nesse mesmo dia, o aviso Alferes Sobral foi atacado e avariado por helicópteros Sea Lynx, ao Norte de Porto Argentino. Em represália, um Super Etendard da Aviação Naval, no dia 4 de maio, atingiu o destróier D-80 HMS Sheffield (empregando um míssil Exocet AM-39) que, posteriormente, foi afundado pelos ingleses.

No dia 7 de maio, a Inglaterra anunciou a ampliação da "zona de exclusão total" (200 milhas em torno das Malvinas) para uma área tão ampla que deixou, apenas, uma estreita faixa de 12 milhas, liberada à navegação costeira argentina. Declarou, também, com sua "zona de serviço", o espaço aéreo e marítimo entre a ilha de Ascensão, protegida por uma área de 100 milhas em torno da ilha, e o extremo Norte da Antártida. No dia 9 de maio, foi afundado o pesqueiro Narwall e, dois dias depois, a fragata F-174 Alacritty afundou o navio transporte Isla de Los Estados, ambos de bandeira argentina.

A 5a Bda Inf, a bordo do transatlântico Queen Elizabeth II, zarpou de Southampton no dia 12 de maio, com destino às Geórgias, onde se realizaria o transbordo. Na área de operações, já se encontravam os efetivos da 3a Bda de Comandos, a bordo do Camberra e do navio de assalto Fearless.

Em uma incursão de Comandos do SAS, na noite de 14 para 15 de maio, com apoio de fogo procedente do D-19 HMS Glamorgan, foram destruídos onze aviões, entre os quais seis IA-58 Pucarâ e um depósito de munições, na Base Aeronaval Auxiliar de Calderon, ilha de Pebble. No dia seguinte, dois navios de transporte argentino foram avariados pelos Sea Harrier, o Bahia Buen Suceso e o Rio Carcaraná.

Durante o transcurso dessa fase, prevaleceu, de certa forma, a ação da aviação argentina, causando inúmeras baixas à Frota Britânica: navio-transporte SS Atlantic Conveyor (25 Mai), D-80 HMS Sheffield (4 Mai), D-118 HMS Conventry (25 Mai), F-184 HMS Ardent (21 Mai), F-170 HMS Antelope (23 Mai) e os navios Sir Galahad (8 Jun) e Sir Tristan (8 Jun). De sete navios perdidos pelos ingleses, apenas um não era de guerra; já os argentinos, dos seis perdidos, apenas dois eram de guerra (cruzador Gen Belgrano e o submarino Santa Fé). Os dados sobre as perdas em aeronaves, ainda são bastante contraditórios.

Essas ações, preliminares ao assalto anfibio, permitiram aos ingleses a obtenção de dados para a seleção do local de desembarque, além de reduzir, drasticamente, a mobilidade das forças argentinas.

6. A Guerra Terrestre

Desde o início das operações no Atlântico Sul, o Alto Comando inglês se defrontou com duas alternativas para a retomada das Malvinas.

A primeira, seria um bloqueio total impedindo a chegada de suprimentos até que, exaurida, a Força se rendesse. A segunda, seria o imediato assalto anfibio para a reconquista da capital e consequente assunção do controle político e militar dos arquipélagos. Uma análise superficial das duas alternativas permite levantar várias desvantagens para a primeira opção. Um bloqueio prolongado imporiria um grande desgaste às tropas embarcadas, sob condições precárias e submetidas às intempéries, comuns naquela época do ano. Além disso, os navios ingleses se constituiriam em objetivos altamente compensadores e extremamente vulneráveis à ação da aviação argentina. As informações disponíveis davam conta de uma boa capacidade da força defensora para resistir a um bloqueio com um nível de estoque suficiente para, pelo menos, trinta dias. Esse prazo era suficiente para aguardar a chegada do inverno que levaria à imobilização das frentes por um largo período, impondo um pesado ônus para o apoio logístico. Outro aspecto relevante se referia à vulnerabilidade dos eixos de suprimento, extremamente alongados, se considerarmos a superioridade aérea argentina, baseada no continente. Essas razões conduziram à realização de um assalto anfibio, no mais curto prazo. O tempo foi o fator preponderante.

Outro dado importante foi a seleção do local para o estabelecimento da cabeça-de-praia. Surpresa, segurança e rapidez eram as condicionantes da operação a ser desencadeada. A surpresa seria ob-

tida através de um desembarque em local considerado pouco provável pelos argentinos e submetido, por isso, a riscos impostos pela Geografia. A segurança seria obtida através de um desembarque em local fracamente defendido, afastado do grosso das forças defensoras. A rapidez seria obtida pelo emprego de elementos helitransportados e pelo desembarque em uma área com boas vias de acesso a Porto Argentino.

A Baía de San Carlos, situada na extremidade Oeste de Soledad, com boas praias e em local relativamente protegido pelas elevações circundantes, foi o local escolhido para a cabeça-de-praia. Além do mais, a Força de maior valor se encontrava a 24 km, em Darwin e Goose Green. Esse local foi considerado pouco provável pelos militares argentinos que esperavam o assalto vindo de Este, diretamente sobre Porto Argentino, devido às grandes dificuldades para o deslocamento terrestre na ilha. Consideravam, também, que o Estreito de San Carlos, por sua pouca profundidade e largura, restringia muito as manobras dos navios e, portanto, não deveria ser utilizado pelos ingleses.

Na noite de 20 para 21 de maio, um grupo composto por doze navios, entre os quais os navios de assalto L-10 HMS Fearless e o L-11 HMS Intrepid, e o Camberra com tropas da 3a Bda de Comandos, se deslocou para o Estreito de San Carlos. Um segundo grupo, composto pelos porta-aviões Invincible e Hermes, e sua escolta, se deslocou para proporcionar o apoio de

fogo e apoio aéreo aproximado operações, posicionando-se a Sudeste de Porto Argentino, fora alcance da aviação argentina.

O desembarque foi iniciado às 0340 horas, sendo a tropa transportada por 16 lanchas de assalto procedentes dos navios de assalto anfíbio. O Posto de Comando da operação permaneceu a bordo do HMS Fearless. Os primeiros a chegar às praias da Baía San Carlos foram o 2º Btl Pqdt e o Comando 40 (4º Btl Fz Nav) que ocuparam, respectivamente, Monte Sussex (Sul) e Montes Verdes (Este). O Comando 45 desembarcou em Baía Ajax, onde foi instalada a Área de Apoio Logístico da Brigada, para toda a campanha. O 3º Btl Pqdt desembarcou em San Carlos com a missão de proteger o flanco Norte da cabeça-de-praia, enquanto o Comando 42 foi mantido em Reserva, permanecendo embarcado. O apoio de fogo foi proporcionado por quatro baterias de obuses de 105 mm orgânicas dos Btl de assalto e por uma bateria de mísseis Rapiers. Ações diversionárias foram desencadeadas pelos Comandos do SAS sobre Fanning Head e do SAS sobre Darwin. Ao mesmo tempo, comunicações argentinas com o continente foram interrompidas impedindo o acionamento da Força Aérea baseada no continente somente às 1050 horas puderam ser restabelecidas. Ao final do dia já haviam desembarcado mais de 3.000 homens e quase 1.000 toneladas de suprimentos. Nessa tarde, a aviação argentina atuou sobre os navios ancorados em San Carlos, atingindo o D-18 HMS A

trim e o F-65 HMS Argonaut, com bombas que não explodiram, e afundando o F-184 HMS Ardent. Ao anoitecer, o Camberra se afastou, após desembarcar todos efetivos da 3a Bda de Comandos.

No dia 23 de maio, estava consolidada a cabeça-de-praia numa área de aproximadamente 15 km de largura por 20 km de profundidade. Nesse dia, foi atingido o F-170 HMS Antelope por uma bomba que explodiu ao ser desativada.

Segundo dados contidos no relatório do Almirante Sir John Fieldhouse, publicado no "The London Gazzete", de 13 de dezembro de 1982, no dia 24 de maio já haviam desembarcado 5.500 homens e mais de 5.000 toneladas de munições e suprimentos.

No dia 25 de maio Dia Nacional da Argentina, a Força Aérea realizou um violento ataque ao grupo de operações estacionado em San Carlos, avariando o F-88 HMS Broadsword e afundando o D-118 HMS Coventry. Ao entardecer desse dia, foi atingido o SS Atlantic Conveyor com uma preciosa carga de helicópteros, suprimentos e até material para a instalação de uma pista de pouso provisória. Após o incêndio, teve que ser abandonado. Morreram três marinheiros e nove oficiais, inclusive o comandante.

No dia 26 de maio, chegaram ordens de Londres para que o Gen Thompson avançasse sobre Porto Argentino. Nesse mesmo dia, iniciaram-se os preparativos para o deslocamento que prometia ser muito difícil. Duas direções foram previstas para um "movimento de

pinças", sobre a capital malvinense: Norte (San Carlos — Douglas — Teal Inlet — Monte Kent) e Sul (San Carlos — Darwin/Goose Green — Monte Challenger). O 2º Btl Pqdt, sob o comando do Ten Cel Herbert Jones, recebeu a missão de neutralizar a força estacionada em Darwin e Goose Green, pela ameaça que representava para o flanco da força atacante e para a cabeça-de-praia. Simultaneamente, o 3º Btl Pqdt e o Comando 45 deveriam prosseguir para Este, conquistando as regiões de Teal Inlet e Douglas, respectivamente.

As 0200 horas do dia 28 de maio, iniciou-se o ataque sobre Darwin, defendido pelo RI 12 (+), sob o comando do Ten Cel Piaggi. Muito bem instalados defensivamente, os argentinos conseguiram deter o avanço inglês em Goose Green. Após receber reforços heli-transportados, vindos de Porto Argentino, o RI 12 (+), abandonando suas posições, forçou o recuo dos ingleses para a cabeça-de-praia. Durante a noite de 28 para 29 de maio, os ingleses realizaram um envolvimento vertical em condições absolutas de sigilo, indo ocupar as posições abandonadas pelos argentinos. Nessa mesma madrugada, os ingleses forçaram o recuo dos argentinos que buscaram ocupar as posições anteriormente abandonadas. Entre dois fogos, foram obrigados a se render. Nessas ações, os ingleses perderam 18 homens, entre os quais o Comandante do Btl, enquanto os argentinos tiveram 250 mortos. Mais de 1.000 homens se renderam e foi apreendida grande quantidade

de armas e munições. Ao Norte, o 3º Btl Pqdt e o Comando 45 alcançaram a região de Monte Kent (onde se encontravam elementos do Comando 42 e do SAS), na noite de 1º para 2 de junho, complementando-se o cerco de Porto Argentino, por Oeste, com a ocupação de Monte Challenger.

O 1º/7º Regimento de Gurkhas desembarcou em San Carlos, na manhã de 1º de junho. Logo depois, desembarcaram o 2º Btl de Guardas Escoceses e o 1º Btl de Guardas Galeses, que se encontravam a bordo do Camberra. O 2º Btl Pqdt, após a ação de Darwin — Goose Green, foi substituído pelos Gurkhas na manutenção dessa área e colocado sob o controle operacional da 5ª Bda Inf, permanecendo seu Posto de Comando em Darwin.

No dia 1º de junho, assumiu o comando das operações terrestres, o Gen Div Jeremy Moore, com seu Posto de Comando a bordo do Fearless. Para o apoio aéreo aproximado a ser proporcionado pelos Harrier, foi necessária a construção de uma pista de alumínio em San Carlos. Sua construção foi realizada pelas 11ª e 59ª Cia Eng e, a partir de 5 de junho, os ingleses passaram a operar uma Base Aérea Avançada em San Carlos.

O mau tempo, a partir do início do mês de junho, impediu o emprego de helicópteros em apoio às tropas que se encontravam à frente. O Comando decidiu, então, abrir uma segunda frente, desembarcando tropas do 2º Btl de Guardas Escoceses e do 1º Btl de Guardas Galeses, na região de Fitz

Roy. Durante a noite de 7 para 8 de junho, foi deslocada para a área outra metade do Batalhão de Galeses, para completar o desembarque iniciado no dia 7 de junho. No dia 8 de junho, quando se realizava o desembarque e a Bateria de mísseis Rapier ainda não se encontrava em condições de operar, inesperadamente, o tempo se aclarou e aviões Skyhawk e Mirage atacaram com violência a cabeça-de-praia. Foram afundados os navios Sir Galahad e Sir Tristram e os ingleses sofreram as maiores baixas de toda a campanha: mais de meia centena de mortos. Para os ingleses, essa operação ficou conhecida como a "Tragédia de Bluff Cove". Apesar dos reveses sofridos, foi consolidada outra cabeça-de-praia estrategicamente situada próxima a Porto Argentino, o que aumentou, em muito, a capacidade tática dos ingleses.

No período de 2 a 11 de junho, os ingleses bombardearam, sistematicamente, pontos estratégicos da ilha, além de infiltrarem patrulhas de reconhecimento nas posições defensivas, quase sempre rachadas pelos argentinos. Realizaram, também, vários ataques com objetivos limitados e com efetivos reduzidos.

Segundo o artigo do Gen Bda (Res) Jose Teofilo Goyret, publicado na Revista Armas e Geoes-tratégia, de maio de 1983, o Gen Menendez, nessa oportunidade, concluiu pela dificuldade em manter a defesa, sem receber um reforço substancial. Determinou, então, ao seu Chefe de EM Gen Daher, que apresentasse ao CEOPECON e ao

Gen Galtieri, uma avaliação de situação tática e estratégico — operacional nas Malvinas. O artigo destaca os pontos mais importantes dessa avaliação:

1) necessidade de suprimentos (especialmente munição de Artilharia) e de armas anticarro de curto alcance;

2) moral da tropa afetado pelas condições precárias em que se encontravam, pelo constante bombardeio aéreo e naval a que estavam submetidos, pela guerra psicológica inglesa, pelo afundamento do cruzador Gen Belgrano e pela queda de Darwin e Goose Green;

3) iminência da batalha decisiva que deveria ser desencadeada por Oeste de Porto Argentino, a partir de 12 de junho;

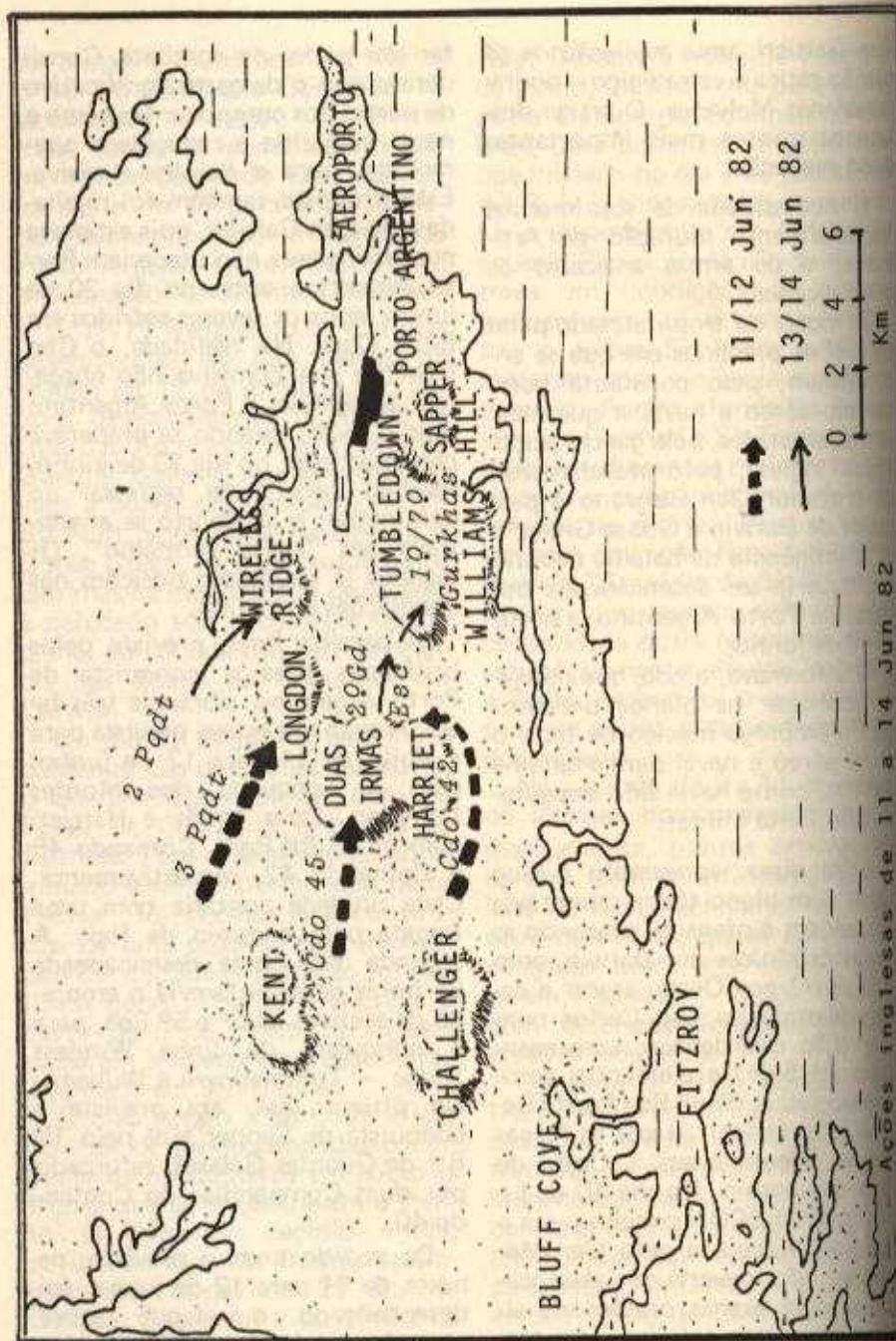
4) informava, ainda, que desejava conhecer os planos previstos para o emprego maciço de todo o poder aéreo e naval para a batalha decisiva, como havia sido assegurada pela Junta Militar.

Além disso, apresentou o Gen Daher, um plano tático que previa a passagem à ofensiva, atacando as forças britânicas em Darwin, com o RI 8 (+) por Oeste; atacar a cabeça-de-praia de San Carlos com uma ação coordenada, empregando o RI 5 (+) e elementos aerotransportados de 4ª Bda Pqdt (Reserva Estratégica); atacar as forças que se encontravam a Oeste de Porto Argentino. No dia 10 de junho, o CEOPECON concluiu que a operação planejada pelo Gen Menéndez, não deveria ser desencadeada, pois apenas ocasionaria algum desgaste ao inimigo, sem afe-

tar seu poder de combate. Considerava que o desgaste significativo de partes dos componentes aéreo e naval, reduziria a capacidade operacional para a batalha decisiva. Essa proposta também foi rejeitada pelo Gen Galtieri, pois estimava que os ingleses não atacariam Porto Argentino antes do dia 20 de junho, após os reveses sofridos em Bluff Cove. Na realidade, o Gen Daher e sua comitiva não chegaram a regressar a Porto Argentino pois o F-28, quando se preparava para aterrissar, no dia 13 de junho, recebeu ordens de regressar ao continente; o aeroporto se encontrava em "alerta vermelho". Os ingleses já ocupavam posições nas imediações da capital.

A batalha final, prevista pelos britânicos para a conquista de Porto Argentino, abrangia três fases. A primeira estava prevista para a noite de 11 para 12 de junho, com a conquista dos Montes Longdon, Duas Irmãs e Harriet, com os 3º Btl Pqdt, Comando 45 e Comando 42, respectivamente. Cada unidade contaria com uma fragata para o apoio de fogo. A segunda fase seria desencadeada 24 horas depois e previa o emprego de efetivos da 3ª e 5ª Bda, para a conquista da linha Wireless Ridge — Tumbledown e Williams. Na última fase, era prevista a conquista de Sapper Hill pelo 1º Btl de Guardas Galeses, reforçado por duas Companhias do Comando 40.

De acordo com o previsto, na noite de 11 para 12 de junho, foi desencadeado o ataque sobre Longdon, defendido pelo RI Mec



Atos ingleses de 11 a 14 Jun 82

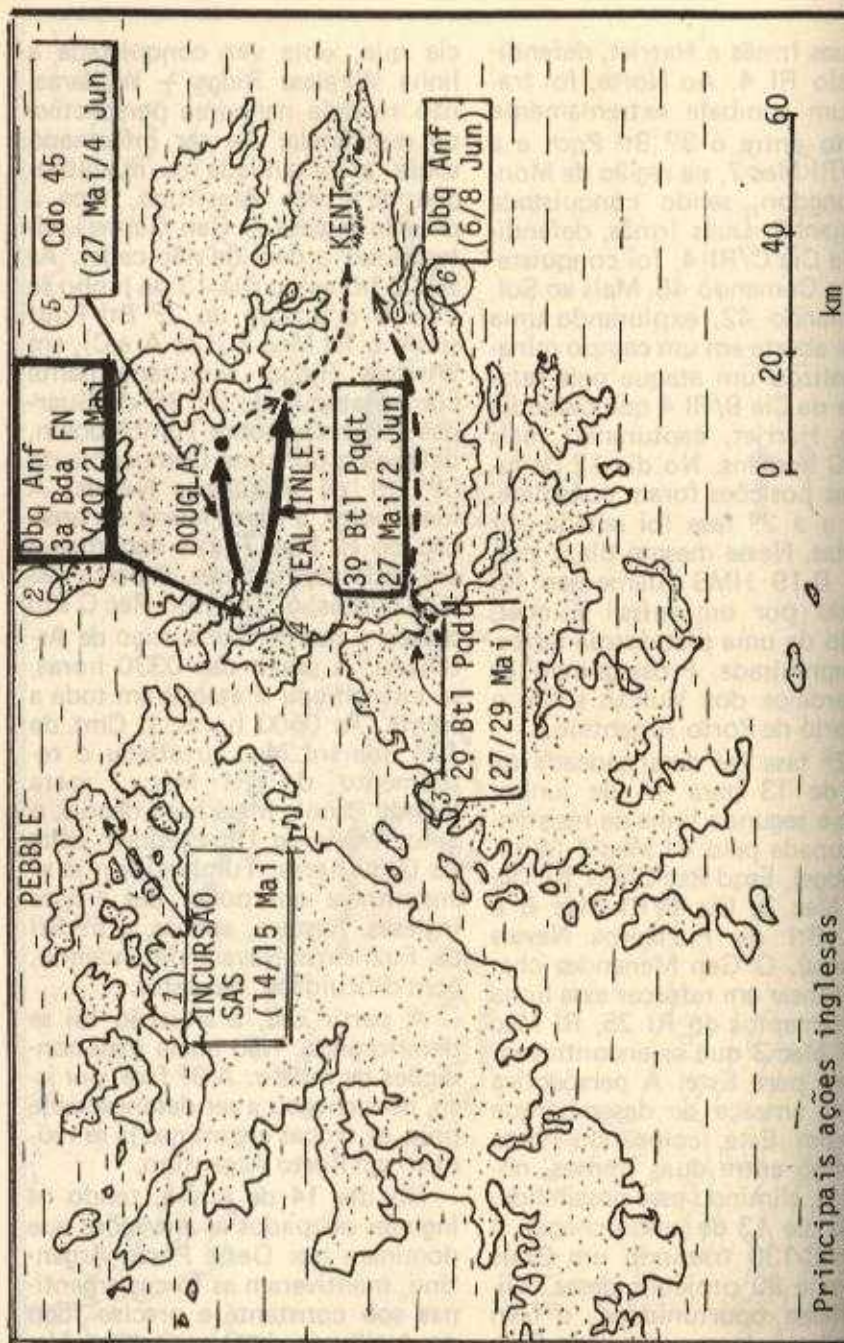
7 e Duas Irmãs e Harriet, defendidos pelo RI 4. Ao Norte, foi travado um combate extremamente violento entre o 3º Btl Pqdt e a Cia B/RI Mec 7, na região de Monte Longdon, sendo conquistada pela manhã. Duas Irmãs, defendida pela Cia C/RI 4, foi conquistada pelo Comando 45. Mais ao Sul, o Comando 42, explorando uma brecha aberta em um campo minado, realizou um ataque pela retaguarda da Cia B/RI 4 que defendia Monte Harriet, capturando mais de 200 homens. No dia 12 de junho, as posições foram consolidadas e a 2ª fase foi adiada por 24 horas. Nesse mesmo dia, o destróier D-19 HMS Glamorgan foi avariado por um míssil Exocet, lançado de uma plataforma terrestre improvisada. Prosseguiram os bombardeios dos Vulcan sobre o aeroporto de Porto Argentino.

A 2ª fase foi desencadeada na noite de 13 para 14 de junho, contra a segunda linha de resistência ocupada pelo RI Mec 7 (Wireless Ridge), Esqd Rec C Bld 10, Cia A/RI Mec 3, Cia B/RI Mec 6 e o 5º Btl de Fuzileiros Navais (Williams). O Gen Menendez chegou a pensar em reforçar essa linha com elementos do RI 25, RI Mec 6 e RI Mec 3 que se encontravam voltados para Este. A perspectiva de uma ameaça de desembarque vindo por Este, colocando Porto Argentino entre duas frentes, novamente, eliminou essa possibilidade. No dia 13 de junho chegou o último C-130 trazendo um Obus 155mm e 80 projéteis desse calibre. Nessa oportunidade, o Gen Menendez informou ao Gen Gar-

cia que, uma vez conquistada a linha Wireless Ridge — Williams, não restaria nenhuma perspectiva de resistência. Ao ser informado sobre a dificuldade da manutenção de Porto Argentino, face à pressão inglesa, o Gen Galtieri reiterou sua ordem de não ceder. Às 22:00 horas do dia 13 de junho se iniciou o ataque do 2º Btl Pqdt sobre o RI Mec 7 (Cia A e C), em Wireless Ridge, simultaneamente com o ataque do 2º Btl de Guardas Escoceses, sobre Tumbledown, defendida por uma Companhia do 5º Btl de Fuzileiros Navais. À meia noite, a parte Norte da posição do RI Mec 7 já se encontrava em poder dos ingleses. A partir das 0200 horas, o 10º Esqd Rec C Bld passou a receber forte fogo de Artilharia. A partir das 0330 horas, se intensificou o ataque em toda a frente. Às 0500 horas, o Cmt da 10ª Bda Inf Mec autorizou o retraimento do RI Mec 7 para Moody Brook. Meia hora depois, o Setor Oeste de Tumbledown caía. Às 0630 horas, Tumbledown já se encontrava em poder das tropas inglesas. Restava, apenas, o 5º Btl de Fuzileiros Navais, defendendo, com dificuldade, seu setor.

A partir daí, a situação foi se deteriorando. Não havia mais condições de resistir. A 3ª fase, por isso, nem chegou a ser desencadeada pois, as tropas argentinas já se reuniam em Porto Argentino.

No dia 14 de junho, tendo os ingleses ocupados as elevações que dominam por Oeste Porto Argentino, mantiveram as forças argentinas sob constante e preciso fogo de Artilharia de Campanha e Na-



Principais ações inglesas nas MALVINAS de 14 Mai a 8 Jun 82

val. Mais de sessenta por cento da posição defensiva de Porto Argentino, já se encontravam em poder dos ingleses. O Gen Menendez dispunha, nesse momento, como elemento de manobra, de apenas cinco Cia Fzo, sendo uma de Guarda do Regimento de Infantaria 1 ("Patrícios").

Após haver ponderado sobre a situação que se encontravam, o Gen Menendez, pouco antes do meio dia, recebeu ordens diretas do Gen Galtieri de continuar resistindo, com as forças disponíveis. Nesse momento, os britânicos, através de uma comunicação rádio, propuseram um contato do Gen Moore com o Gen Menendez para acertar detalhes de um "Cessar-Fogo"; tal decisão deveria ser tomada até às 1300 horas. O Gen Menendez, de imediato, informou ao Gen Garcia que tinha intenção de aceitar a proposta. Às 1600 horas, se produziu a reunião dos comandantes em Porto Argentino. Às 1900 horas, foi firmado o documento de rendição, considerada "acordada" e não "incondicional", como constava do original. Estava encerrada a Guerra das Malvinas, após 74 dias de operações.

Conclusão

Até certo ponto, pode-se afirmar que a Guerra das Malvinas não apresentou nenhuma novidade no que se refere ao elemento humano. O homem continua a ser o fator mais importante no combate. De sua tenacidade, espírito de luta e capacidade combativa depende,

em grande parte, o sucesso das operações.

A preparação de um povo para a guerra demanda tempo e uma política educacional adequada. Não se atinge um grau de maturidade ideal, em curto espaço de tempo. Há necessidade de um exercício continuado das virtudes cívicas que consolide, no espírito do homem, um arraigado sentido de amor à Pátria. Só a educação, em todos os níveis, permanente e bem orientada, permitirá a formação de uma "retaguarda moral" que proporcionará, em momentos de crise, o tônus necessário à impulsão material e psicológica do combatente, no campo de batalha.

O confronto entre um exército profissional e um de conscritos, evidenciou a necessidade de um país dispor de determinado contingente de homens, sempre prontos para emprego, em consonância com suas necessidades político-militares. *Profissionalismo versus conscrição, um tema para reflexão.*

Os aspectos mais notáveis desse conflito estão relacionados ao material que foi empregado, particularmente pelos ingleses. É necessário que, na avaliação do poder relativo de combate, sejam ponderados os meios em presença, particularmente aqueles que afetam, sensivelmente, a capacidade combativa.

O helicóptero foi, sem dúvida alguma, o elemento mais importante para o combate nas Malvinas. O helicóptero, formando um binômio perfeito com o combatente, proporciona rapidez e flexibilidade. Seu emprego para o

transporte do material de Artilharia proporciona grande mobilidade e permite a manutenção de um apoio de fogo cerrado. A eficiência do apoio logístico está ligada, intimamente, à utilização de adequados meios de transporte. O helicóptero, por sua agilidade, constitui-se em uma peça fundamental para o apoio logístico.

Quanto ao material, o grande ensinamento está ligado à dependência externa. Quando os interesses internacionais se chocam, a dependência externa para o fornecimento de material bélico se constitui em uma vulnerabilidade altamente perigosa. É preferível se dispor de material de um nível inferior, porém nacional, do que de um de maior sofisticação e dependente de fornecimento externo. *Auto-suficiência versus modernização, um tema para reflexão.*

No campo tático, pode-se afirmar que a Guerra das Malvinas foi um conflito localizado, empregando antigas táticas e tecnologia moderna. A tecnologia moderna dá mais profundidade ao Sistema C3I (Comando, Comunicações, Controle e Informações) e proporciona, por isso, mais rapidez e flexibilidade ao combate.

O ensinamento mais importante deixado pela Guerra das Malvinas é o relacionado ao emprego conjunto das Forças Armadas, constituindo um sistema único, integrado e coordenado. Essa capacidade só é alcançada através da formação do hábito para o trabalho em conjunto, mediante um exercício continuado. *Consolidar estra-*

tégias, condutas e procedimentos em trabalho conjunto das Forças Armadas, um importante tema para reflexão.

Finalmente, a Guerra das Malvinas demonstrou a necessidade de um Exército estar sempre pronto para emprego, não importando a época em que se viva. Mais uma vez, vale repetir uma verdade sempre presente na instrução militar: "Um Exército pode passar um século sem ser empregado, mas não pode passar um minuto sem estar preparado!"

ANEXO I

Forças Terrestres Argentinas

- a. *Agrupamento Porto Argentino*
 - Cdo da Bda Inf Mec X — Gen Oscar Luiz Jofre
 - RI Mec 3/X
 - RI Mec 6/X (+1 Cia Gd/RI 1)
 - RI Mec 7/X
 - RI 4/III
 - RI 25/IX
 - BIM 5 (Fzo Naval)
 - GA 3 (+ 3 Ob 155) / III
 - GA Pqdt 4 (—) / IV
 - G A AAé 601 (—) (Ex)
 - GA Mixto 602 (—)
(Ex Bia/GA Misto 602 (Ex))
 - Bia B/G A AAé 101 (1º CEEx)
 - Esqd C Mec 10 / X (Vtr Panhard)
 - Cia Com 10 / X
 - B Log 10 (—) / X
 - Agrupamento de Eng
 - Cia Eng Cmb 10 (—) / X
 - Cia Eng Cmb / 601º BE Cmb
 - 1 Pel Eng (Fzo Naval)

b. Agrupamento Gran Malvinas

- Cdo da Bda Inf III — Gen Omar Parada
- RI 5 / III (+ 2 Pel Eng)
- RI 8 / IX
- Cia E Cmb 9 (—) / IX
- Cia S 9 / IX
- Cia Com 9 (—) / IX

c. Agrupamento Darwin

- Ch EM da Bda Inf III
- RI 12 / III
- Cia C / RI 25
- Bia / G A Pqdt 4
- Sec / G A AAé 601
- GE / Cia E Cmb 10

d. Tropas de Exército (Formações)

- Cia de Comandos 601
- Cia de Comandos 602 (mobilizada)
- Btl Av Cmb 601 (—) (Av Ex)
- Cia E Cmb 601 (mobilizada)
- B Com Ex 181 (Elm B Com)
- Cia PE 181 (—) (5º Cpo Ex)
- H Cir Mv
- Centro de Operações Logísticas (COL)

ANEXO 2

Forças Terrestres Inglesas

a. Fuzileiros Navais

- Cdo 3ª Bda de Comandos — Gen Thompson
- Cdo 40 — Ten Cel Hunt
- Cdo 42 — Ten Cel Vaus
- Cdo 45 — Ten Cel Whitehead
- 29º Rgt Art Cmp de Comandos
- Rgt Log de Comandos
- 59º Esqd de Eng de Comandos

- 3º Esqd Aéreo de Bda
- Esquadrão Naval Especial (SBS)
- Esqd de Com
- 3ª Sec Art AAé
- Banda de Música de Comandos

b. Exército

- Cdo 5ª Bda Inf — Gen Wilson
- 2º Btl Gd Escoceses / 5ª — Ten Cel Scott
- 1º Btl Gd Galeses / 5ª — Ten Cel Rickett
- 1º/7º Rgt de Gurkhas / 5ª — Ten Cel Morgan
- 2º Btl Pqdt — Ten Cel Herbert Jones (morto em combate)
- 3º Btl Pqdt — Ten Cel Pike
- Esquadrões (2) do Serviço Aéreo Especial (SAS)
- Pel CC (2) do "The Blue and Royals"
- 4º Rgt de Art Cmp (— 1 Bia) / 5ª
- 12º Rgt de Art AAé (— 1 Bia)
- 36º Rgt Eng (— 1 Cia) / 5ª
- 656º Esqd Aéreo de Exército
- 1ª/27º Rgt Art AAé
- 43ª Bia / 32º Rgt de Armas Guiadas / 5ª
- 11º Esqd Eng (Apoio Anv Harrier)
- 49º Esqd Eng (Explosivos)
- 50º Esqd Eng Cnst
- 33º Rgt Eng
- 5º Esqd Com / 5ª
- 9º Btl Mat Bel
- H Cmp
- 16º Amb Cmp
- Pel / 19º Amb Cmp
- 160ª Cia PE
- 172º Gp Info e Seg

BIBLIOGRAFIA

1. FIELDS Jr, Harold. *Lessons of the Falklands: training key to victory*. ARMY, março de 1983.
2. FIELDHOUSE, John. Relatório publicado no Suplemento ao "The London Gazette". Londres, dezembro de 1982.
3. GRÄ-BRETANHA. *The Falklands War. Military Lessons of the Falkland Campaign*. The International Institute for Strategic Studies. Cambridge, 1982/1983.
4. GOYRET, Jose Teofilo — *El Ejército Argentino en la Guerra de las Malvinas*. Armas y Geoes-tratégia, maio de 1983.
5. GOYRET, Jose Teofilo — *Las Malvinas: Encrucijada Estratégica*. Armas y Geoestratégia, dezembro de 1982.
6. LEWIS, Brenda Ralph. *The Falklands War, a recap*. ARMY, setembro de 1982.
7. MAIZ, Luis Maria. *La guerra del Atlantico Sur: reflexiones sobre una derrota*. Defensa, 1982.
8. MURGUIZUR, Juan Carlos. *El conflitos del Atlântico Sur — un punto de vista argentino*. Revista Internacional de Defensa, 1983.
9. TROTTER, Neville. *The Falklands Campaign Command and Logistics*. Armed Force JOURNAL International, junho de 1983.



O Ten Cel Inf QEMA Théo Espindola Bastos tem os cursos de Psicotécnica Militar (CEP), Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Comando e Estado-Maior (ECEME) e Comando e Estado-Maior do Exército Argentino (Escuela Superior de Guerra). Entre suas comissões destacam-se: instrutor da AMAN, Comandante de Pelotão no Batalhão Suez (Faixa de Gaza, Egito) e instrutor da ECEME. Serve atualmente no Gabinete do Ministro do Exército, Brasília.